

DUAS DE LETRA
GRUPO DE LEITORES DA BIBLIOTECA
FACULDADE DE PSICOLOGIA | INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Janeiro 2020

GUIA DE LEITURA

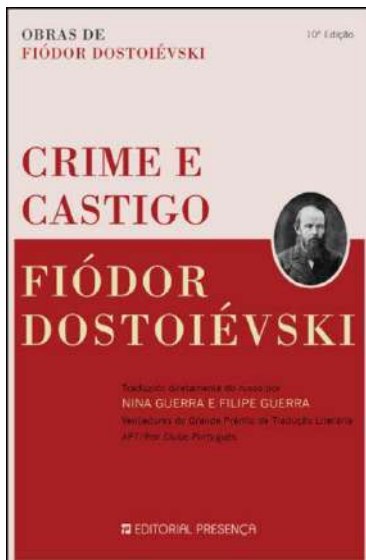
Crime e Castigo – Fiódor Dostoiévski



FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

Biografia: Fiódor Dostoiévski (Moscovo, 30.10.1821 - S. Petersburgo, 28.01.1881) foi um dos grandes percussores da mais moderna forma do romance. Filho de um médico militar, aos 15 anos é enviado para a Escola Militar de Engenharia de S. Petersburgo. Aí lhe desperta a vocação

literária, ao entrar em contacto com outros escritores russos e com a obra de Byron, Vítor Hugo e Shakespeare. Terminado o curso de engenharia, dedica-se a fazer traduções para ganhar a vida e estreia-se em 1846 com o seu primeiro romance, Gente Pobre. Após mais umas tentativas literárias, foi condenado à morte em 1849, por implicação numa suspeita conjura revolucionária. No entanto, a pena foi-lhe comutada para trabalhos forçados na Sibéria. Durante os seus anos de degredo teve uma vida interior de carácter místico, por ter sido forçado a conviver com a dura realidade russa, o que também o levou a familiarizar-se com as profundezas insuspeitas da alma do povo russo. Amnistiado em 1855, reassumiu a atividade literária e em 1866, com Crime e Castigo, marca a ruptura com os liberais e radicais a que tinha sido conotado. As obras de Dostoiévski atingem um relevo máximo pela análise psicológica, sobretudo das condições mórbidas, e pela completa identificação imaginativa do autor com as degradadas personagens a que deu vida, não tendo, por esse prisma, rival na literatura mundial. A exatidão e valor científico dos seus retratos é atestada pelos grandes criminalistas russos. Neste grande novelista, o desejo de sofrer traz como consequência a busca e a aceitação do castigo e a conceção da pena como redentora por meio da dor.



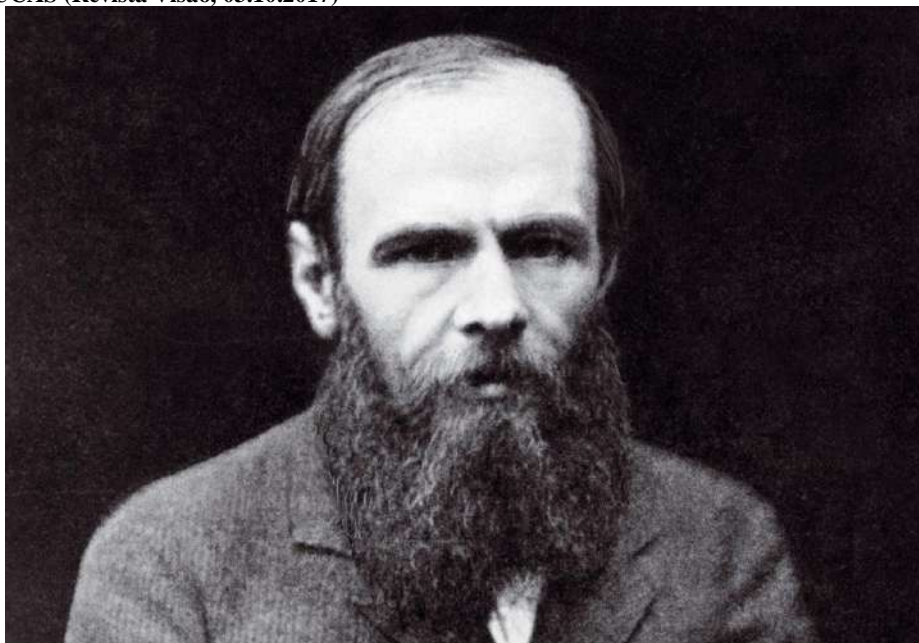
Sinopse de *Crime e Castigo*:

Raskólnikov, um estudante pobre e desesperado, vagueia pelos bairros degradados de São Petersburgo e comete um assassinio. A vítima é uma velha usurária. Raskólnikov imagina-se um grande homem, agindo por uma causa que está para além das convenções da lei moral e o coloca acima do comum dos mortais. O seu acto é praticado com uma mistura de sangue frio e exaltado misticismo. Mas quando inicia um jogo do gato e do rato com um polícia, Raskólnikov é cada vez mais perseguido pela voz da sua consciência. Apenas Sónia, uma prostituta, lhe concede a possibilidade de redenção. O crime de Raskólnikov foi inspirado no assassinio de duas mulheres, com um machado, ocorrido em 1865. Mas, pela mão de Dostoiévski, transforma-se numa intensa narrativa, um protagonista desenraizado em busca de afirmação, uma obra em que confluem elementos psicológicos, sociais, éticos

e filosóficos. A obra foi inicialmente publicada por capítulos, em 1866, no Mensageiro Russo. «*O problema de Dostoiévski era este: captar e plasmar as realidades da condição humana numa série de crises extremas e definidoras; traduzir a experiência à maneira do drama trágico – o único modo que Dostoiévski considera fiável – e, no entanto, permanecer dentro do ambiente naturalista da vida urbana moderna.*» [George Steiner, Tolstói o Dostoiévski]

Fiódor Dostoievski: Dentro da consciência

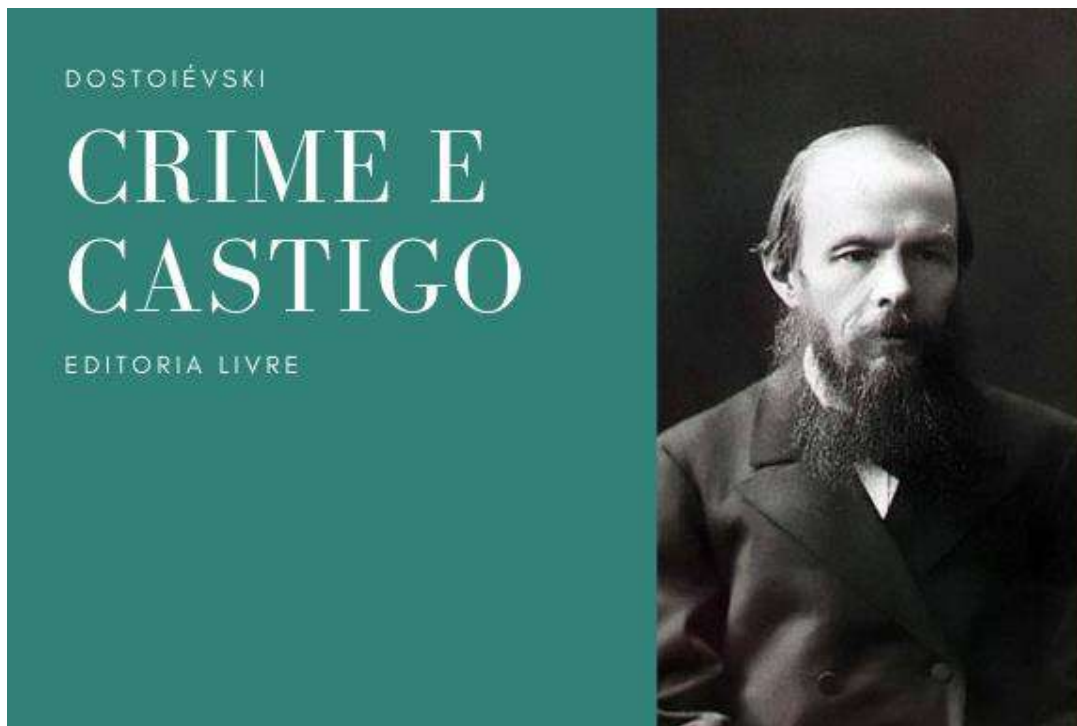
ISABEL LUCAS (Revista Visão, 03.10.2017)



Génio, nada menos do que a palavra génio pode ser aplicada a um escritor como **Fiódor Dostoievski**. Génio da consciência humana, do obscuro que há em cada um de nós. Génio da capacidade de transpor esse correr da consciência – da mais luminosa à mais ambígua e negra – para as palavras, criando um universo que muitos críticos comparam ao de Shakespeare: amplo, complexo, capaz de albergar toda a dimensão do humano, como se escrevesse a partir do interior de cada personagem que cria e, em cada uma dessas personagens, desenhasse um mapa intrincado da Humanidade. Fiódor Dostoiweski, o homem que escreveu Crime e Castigo, Os Irmãos Karamazov ou Cadernos do Subterrâneo, nasceu em Moscovo, em 1821, e morreu aos 59 anos, em 1881, na cidade de S. Petersburgo, onde passou grande parte da sua vida. Jornalista e escritor, foi antes engenheiro e serviu como tal no exército. Admirador de Shakespeare e de Schiller, era hábil a “dramatizar o carácter e a personalidade”, como sublinhou o crítico Harold Bloom, que lhe chamou um autor indispensável: “as suas sátiras, justamente como as de Jonathan Swift, denunciam o nosso egoísmo, a nossa crueldade, as nossas hipocrisias e, sobretudo, a paralisante consciência de nós.” Estreou-se nos livros com Gente Pobre, um romance epistolar que lhe valeu a admiração dos leitores e que a crítica declarou uma obra-prima. Hoje, é dos livros menos lidos e conhecidos deste que é um dos mais influentes autores ocidentais. Conheceu o exílio na Sibéria acusado de conspirar contra o czar Nicolau I e, durante o longo período de trabalhos forçados, ia escrevendo. Foram dez anos de ausência involuntária de S. Petersburgo. A maior parte dessas notas perderam-se, mas a memória desses tempos estaria presente nas obras seguintes e no modo como olharia o mundo, a própria vida e a ideia de servidão que marcou grande parte da sua melhor literatura, uma relação complexa, conflituosa, paradoxal, onde noções de bem e de mal são obsessivamente dissecadas. Na prática, desejou uma revolução que passaria pela libertação dos servos na Rússia. E isto era apenas no princípio da imensa obra que estava para vir e o imortalizou, entre altos e baixos, como um dos protagonistas que criou. Ele sabia do obscuro humano.

Crime e Castigo é uma obra de grande apelo psicológico que fala muito mais sobre a nossa natureza do que nós gostaríamos de ver exposto

José Fagner Alves Santos



Qualquer ser humano que não seja demasiadamente bitolado compreende que não podemos dividir nossos semelhantes entre bonzinhos e malvados. Não importa o espectro político, o time para o qual a pessoa torce ou o credo religioso que ela diz professar. Se você ainda baseia sua percepção de vida na perspectiva dualista do mocinho e bandido, está na hora de começar a olhar ao seu redor. Todos nós temos o bem e o mal em nosso ser, é isso que nos faz humanos.

Alegar que **Hitler** foi um carrasco porque era nazista, **Mussolini** matou porque era fascista ou que **Mao Tsé-Tung** foi um tirano por ser comunista não faz nenhum sentido. Seria uma argumentação absurdamente pueril. No entanto, é exatamente nessa linha que temos discutido política e cultura aqui no Brasil. Fulano é fascista, beltrano é comunista, cicrano é militarista. Os desvios acontecem, independentemente da corrente ideológica, porque somos humanos, imprevisíveis, inconsequentes.

Afirmo sem medo de errar: a maioria absoluta daqueles que gostam de enquadrar seus opositores em linhas ideológicas desconhecem por completo as bases teóricas de tais ideologias. Quantos dos que falam mal de **Karl Marx** leram seus escritos? Desses, quantos chegaram a compreender? Quantos leram **Friedrich August von Hayek**? E quantos o compreenderam?

A verdade é que lemos – na melhor das hipóteses – seus intérpretes. Nos esquecemos, no entanto, que todos têm seus próprios interesses. Estudar por conta própria dá trabalho, leva tempo, exige muito esforço. É muito mais fácil pegar uma simplificação feita pelo intelectual do momento, decorar duas ou três frases de efeito e posar de profundo conhecedor de um assunto que se desconhece completamente.

Recentemente comecei a reler **Crime e Castigo**, de **Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski**. Apesar da centralidade dos temas ligados à fé – muito criticada por seus detratores –, essa obra é muito importante na compreensão do espírito humano. Seu autor mais parecia um psicólogo descrevendo as personalidades de suas criaturas. Dostoiévski busca elucidar a natureza da fé, bem como a sua mecânica irregular para explicar a sociedade. E peço que você não se engane, mesmo os personagens que se dizem descrentes parecem apelar para um milagre que possa resolver suas respectivas situações.

Só para ficar nos exemplos mais óbvios: o personagem principal, **Rodion Románovitch Raskólnikov**, questiona-se sobre seu papel no mundo, seria ele um membro da casta de homens superiores, como o foi **Napoleão**? Ele resolve se colocar à prova. A esperança de que ele seja, de fato, alguém acima dos pobres mortais é a expectativa de um milagre que se disfarça na suposta racionalidade humana; **Sônia Marmieládova**, a jovem prostituta que precisa se macular para ajudar financeiramente a família, consegue arrancar forças da sua fé religiosa e da esperança de que um milagre – aqui no sentido providencial – possa acabar com seu sofrimento.

Ambos demonstram, em suas complexidades, características positivas ao lado de outras completamente degradadas. Somos apresentados à Sônia através de um monólogo que seu pai faz num bar. Raskólnikov está presente, ouve tudo e resolve deixar suas poucas moedas de cobre na janela da família. Sônia, por sua vez, foi empurrada para tão degradante ofício pela sua madrasta, **Catierina Ivanovna**, que costuma lhe bater e exigir da jovem muito mais do que ela pode dar. Sônia, no entanto, não odeia sua madrasta, ao contrário, tem pena dela e compreende a situação em que a família se encontra. Raskólnikov, após ter deixado suas moedas na janela se arrepende, aquelas era o único dinheiro que ele tinha. É nesse momento em que ele começa a travar um diálogo interno, alternando entre o cinismo e a compaixão. E na sequência, chega a uma conclusão deturpada sobre os valores sociais:

“Bem, e se eu estiver equivocado – exclamou de forma súbita e involuntária –, se de fato o homem, o homem em geral, de todo o gênero, isto é, do gênero humano, não for canalha? Quer dizer que tudo o mais são preconceitos, simples temores estimulados, e que não existem obstáculos de nenhuma espécie, e que é assim que deve ser!”

Ao relativizar e desconstruir os valores morais, Raskólnikov se rebaixa ao mais primitivo estado animalesco e se vê no direito de cometer crimes. Mas uma cena depois dessa percepção demonstra a oscilação pendular que o afligia. Sônia vai até sua casa para convidá-lo para os rituais funerários do seu pai. Raskólnikov tem agora

a oportunidade de observá-la melhor. Percebe que ela é só uma garota, muito magra, aparentando ser mais jovem do que é, que não chega a ser bonita, mas que tem os olhos que lhe transmitem a pureza de seu ser. Ele sente pena dela, sente pena de tudo aquilo que ela tem que enfrentar para ajudar sua família.

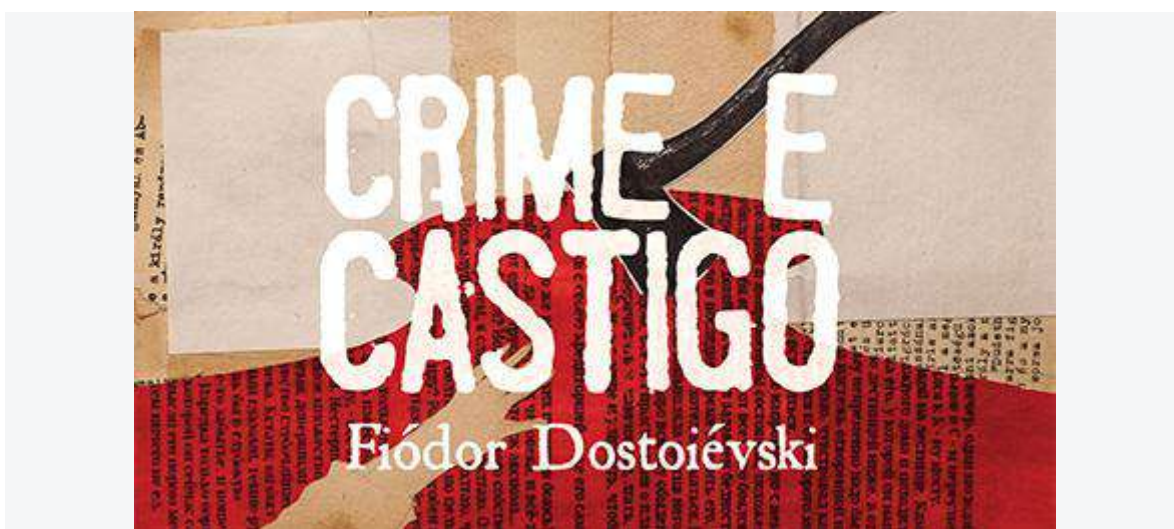
Todo o livro é construído para nos mostrar o quanto o bem e o mal estão dentro de nós. O assassinato da velha usurária e as consequentes alucinações febris de Raskólnikov são descritas de tal modo que é fácil esquecer se tratar de uma obra de ficção. Sofremos juntos com os personagens e, apesar de não aprovarmos suas atitudes, nos compadecemos deles.

Essa é uma obra sobre o quanto estamos perdidos no mundo. Como baratas tontas buscando encontrar nosso caminho na vida. “Como pedras a rolar”, só para citar Dylan. Não importando os “ismos” aos quais nos enquadram, erramos porque somos humanos e a maldade está em nós. Mas a capacidade de fazer o bem também está em nós. Quando conseguimos superar a vaidade e o orgulho, quando conseguimos perceber nosso papel no mundo, temos a chance de fazer o que é certo. Sem glamour, sem histrionismos, sem afetações de superioridade, apenas uma célula no grande organismo social.

Uma ficção filosófica que explora os limites da justiça e da vingança

Por Alexandre de Santi (edição: Bruno Garattoni)

Publicado em 12 nov 2015, 16h30



Por que ler? Poucos autores nos fizeram pensar tão a fundo sobre os limites da moral e das leis.

Elogiado por seu romance de estreia, *Gente Pobre*, [Fiódor Dostoiévski](#) principiava no meio literário quando, em abril de 1849, aos 27 anos, foi preso acusado de integrar um grupo clandestino e conspirar contra o imperador Nicolau I da Rússia. Escapou do pelotão de fuzilamento, mas amargou longos anos de trabalhos forçados em uma prisão na Sibéria e depois no Cazaquistão. Confinado junto a assassinos e estupradores, enfrentou o medo e conheceu as profundezas da mente humana. Quando deixou o exílio, carregava consigo problemas e conceitos que fariam de seus livros clássicos da literatura mundial.

Publicado em 1866, **Crime e Castigo** ([que pode ser baixado gratuitamente](#)), nono romance do autor, conta a história de Ródion Ramanovich Raskolnikov, um pobre estudante que mata a golpes de machado uma velha agiota a quem deve dinheiro e por quem se sente explorado. Aliena Ivánovna humilha e tortura psicologicamente os clientes desesperados de quem cobra juros astronômicos e por quem não demonstra qualquer piedade. Raskolnikov convence a si mesmo de que não é tão errado matar uma pessoa tão maldosa, de quem o mundo não sentirá falta. O crime, no entanto, inesperadamente torna-se um duplo homicídio quando Raskolnikov é surpreendido pela presença de Lisavieta, irmã mais nova da vítima, que também é morta com golpe de machado.



Apesar de escapar impune, o personagem começa a sofrer com a culpa e com a tensão dos seguidos interrogatórios feitos pelo juiz do caso. Na brilhante narrativa, Dostoiévski aproxima o leitor do dilema do protagonista: negar o crime e viver atormentado pelo remorso ou confessar os assassinatos para ter a chance de redenção? Influenciado pela religiosidade de Sônia, prostituta miserável por quem acaba apaixonado, Raskolnikov confessa as atrocidades e é condenado a oito anos de prisão na Sibéria, onde começa sua reabilitação moral, exatamente na região em que o próprio Dostoiévski cumpriu pena e observou com lupa os dilemas morais dos seus colegas de cárcere. Uma das marcas do escritor é justamente o caráter autobiográfico de alguns escritos, que colaboraram para o realismo característico de sua obra. Dostoiévski tinha problemas com a jogatina e teria perdido grandes somas de dinheiro em cassinos europeus, tema presente em *O Jogador*. Era militante político crítico do regime, faceta explorada em *Os Demônios*. Os tempos na prisão renderam passagens em vários livros. Talvez o maior talento do autor russo tenha sido transformar os aprendizados em experiência universal, tornando sua vida fonte de reflexões e não apenas um compilado de lembranças.

Ficção Filosófica

A importância de *Crime e Castigo* foi mostrar o romance como poderosa plataforma para ideias, teses e reflexões, ajudando a consolidar o estilo literário

como gênero mais popular e importante dos tempos seguintes. O livro de Dostoiévski não é a simples história de um assassino, é um ensaio apurado da natureza humana: mostra todos os meandros da racionalização que o protagonista faz do seu crime, avaliando ser justo matar a perversa dona da casa de penhores por achar que é moralmente superior à vítima. É uma história que debate a moral e questiona os homens tomando decisões acima da legalidade.

O livro vai além: é um estudo do arrependimento, uma parábola da remissão, um romance em que a violenta cena principal é apenas pano de fundo para algo maior, um passeio pela consciência de um criminoso. *Crime e Castigo* é um tratado de psicologia, sociologia e filosofia travestido de romance, uma inovadora narrativa de cunho existencialista que influenciou os trabalhos de muitos pensadores ocidentais, entre eles Friedrich Nietzsche, Sigmund Freud e Jean-Paul Sartre, e implantou um estilo literário perseguido por escritores do quilate de Albert Camus, George Orwell, Marcel Proust, Franz Kafka e Ernest Hemingway.

Se fosse filósofo ou teórico, o russo teria discutido os mesmos temas numa linguagem própria para as salas de aula, laboratórios de pesquisa ou gabinetes acadêmicos. Mas, ao se apropriar da ficção para questionar os limites da moralidade, costurando os dilemas do personagem numa narrativa apaixonante, aproximou o público leigo de temas espinhosos sem perder o apelo popular.

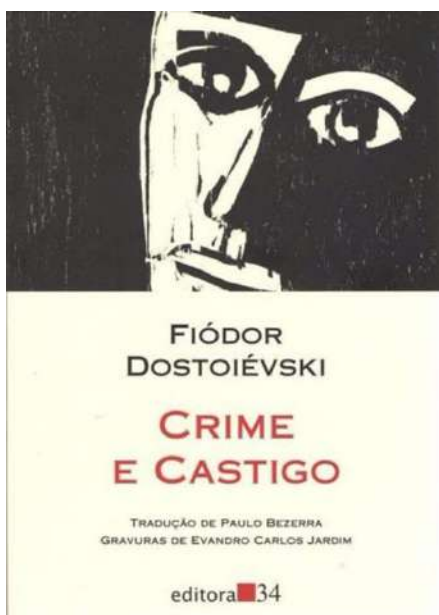
Em meio à derrocada do protagonista, *Crime e Castigo* fala também sobre mazelas de uma Rússia pobre e desigual, sobre conflitos entre o mundano e a moral cristã ortodoxa, sobre o amor como caminho da salvação. É um calhamaço de 600 páginas que pode ser lido sem freios, uma experiência imersiva em que o leitor é contaminado pela tensão das ações e pelo dilema do personagem.

Ao lado de Tolstói, Dostoiévski é o maior expoente da literatura russa. Um escritor que percebeu o surgimento de homens ideológicos, capazes de decidir os rumos de suas vidas sem levar em conta os dogmas religiosos. O homem que ele queria ver profundamente dissecado nas suas páginas.

“O medo apoderava-se dele cada vez com mais força, sobretudo depois deste segundo homicídio, completamente inesperado. Estava ansioso por ver-se longe dali o mais depressa possível.”

Crime e castigo

Luiz Guilherme de Beaurepaire



Confesso a todos vocês que o livro de que falaremos hoje foi um dos livros que mexeram comigo em todos os aspectos. Não houve um dia em que meus pensamentos e meus sonhos, durante a leitura, que durou uma semana, não estivessem relacionados com os personagens em questão.

Vou contar a todos vocês que em determinado momento da leitura, quando fantasmas eram mencionados pelos personagens do livro, senti a presença deles perto da minha mesa de cabeceira durante a madrugada, a ponto de acordar e perguntar por eles. Não senti medo. Só queria saber o que eles queriam e o que faziam do lado da minha cama. Mas nenhuma resposta me foi dita. Apenas a presença registrada. Muitos de vocês duvidarão desse meu

relato. É um direito de cada um. Mas os meus amigos de trabalho ouviram de mim, durante o processo de leitura, tudo isso que estou narrando a vocês. Minha mulher, que dorme a meu lado, foi testemunha de tudo isso que lhes falo. É a mais pura verdade.

Vi o semblante de Raskolnikov, pálido, vestido com seu indefectível sobretudo descolorido pelo excesso de uso. Vi Sônia, uma das personagens, nos meus sonhos quando acabei de ler a última página.

Um livro feito para aqueles que gostam de uma literatura de ponta. Sei que muitos de vocês já devem ter lido “Crime e Castigo”, de Fiódor Dostoiévski. Para aqueles que não leram, posso dizer que é uma dessas obras que deixam marcas profundas no leitor. Para iniciar esta leitura, você deve adquirir certa concentração para sentir essa história penetrar nos recônditos mais longínquos de sua imaginação.

A tradução de Paulo Bezerra é simplesmente maravilhosa. Diretamente do russo. E a introdução que ele faz do livro nos ajuda a mergulhar nessa história. Vamos a ela?

No século XIX, os escritores estavam cada vez mais distantes do romantismo, tinham uma abordagem mais realista.

A Rússia e a França lideravam essa nova abordagem mais realista na literatura. Dostoiévski e Gustave Flaubert foram os precursores desse movimento. Dostoiévski, além de ser um grande escritor, era um leitor prodigioso, sempre atento aos conceitos filosóficos do seu tempo.

Nietzsche, por exemplo, era um leitor de Dostoiévski. Não foi à toa que foi considerado um escritor e filósofo por excelência. Seus personagens sempre foram movidos por emoções internas poderosas, sendo investigados no final de sua vida.

As publicações de Freud sobre alguns estados psicológicos ganharam repercussão após a morte de Dostoiévski. Existem alguns intelectuais que dizem que Dostoiévski estava bem à frente de Freud como psicanalista. As descrições realistas das emoções internas são realistas e verdadeiras, ao revelar o desespero humano com tantas minúcias.

A história de “Crime e Castigo” é sobre o protagonista Raskolnikov, um ex-aluno brilhante, que por razões econômicas não pode mais estudar e por razões de penúria luta para se manter na cidade de São Petersburgo. À medida que o seu desespero vai aumentando, surge uma ideia: matar a velha Alyona Ivanovna, que lhe aluga um quarto fétido e era uma agiota. E o ameaça colocá-lo para fora se ele não lhe pagar o que deve. Seus pertences mais valiosos foram colocados como pagamentos de suas dívidas. E agora não sobra mais nada. O que fazer? Raskolnikov, quando ainda era estudante, havia publicado um artigo interessante em que expunha a sua teoria do “homem extraordinário”. E o que está por trás desse artigo, qual o pensamento que guia seu raciocínio? Simples. “O homem extraordinário” é aquele que, pelo imenso valor que possui para a humanidade, tem o direito de passar por cima das leis morais para realizar aquilo que pretende. Esse “homem extraordinário” não está submetido a leis que governam os outros mortais, pois está acima delas. Em outras palavras, Napoleão derramou rios de sangue para consolidar a civilização burguesa, e a história o absolveu. Raskolnikov sente-se pertencer à raça dos Napoleões e racionaliza para tirar um obstáculo de seu caminho.

“- Por que você, meu caro, apareceu tão de repente... O que está acontecendo? – perguntou ela, olhando para o penhor. - É uma cigarreira de prata: eu não lhe falei da outra vez? Ela estendeu a mão. - E por que é que você está tão pálido? Veja como as mãos estão tremendo! Tomou banho, meu caro? - É febre – respondeu com voz entrecortada. – Fica-se pálido a contragosto... quando não tem o que comer – acrescentou ele, mal pronunciando as palavras. Mais uma vez as forças o abandonaram. Mas a resposta pareceu verossímil; a velha pegou o penhor na mão. - Um objeto... uma cigarreira... de prata... dê uma olhada. - Que coisa, como se não fosse de prata... E como você amarrou! Procurando desamarrear o cadarço e voltando para janela, no sentido da claridade (todas as janelas estavam fechadas, apesar do abafamento), ela o deixou inteiramente por alguns segundos e lhe deu as costas. Ele desabotoou o sobretudo e soltou o machado de laço, mas ainda não o tirou por inteiro, ficando apenas a segurá-lo com a mão direita por cima da roupa. Os braços estavam terrivelmente fracos; ele mesmo os sentia a cada instante cada vez mais entorpecidos e duros. Temia soltar e deixar cair o machado... num repente foi como se a cabeça começasse a rodar. - O que foi que ele enrolou aqui! – gritou a velha irritada e mexeu-se na direção dele. Ele não podia perder nem mais um instante. Tirou o machado por inteiro, levantou-o com as duas mãos, mal se dando conta de si, e quase sem fazer força, quase maquinalmente, baixou-o de costas na cabeça dela. Era como se nesse instante tivesse lhe faltado força. A velha, como sempre, estava de cabeça descoberta. Os cabelos claros com tons grisalhos, ralinhos, habitualmente besuntados de óleo, formavam uma trança à moda rabo de rato e estavam presos a um resto de pente de chifre que se destacava na nuca. O golpe acertara em plenas têmporas, para o que contribuía a sua baixa estatura. Ela deu um grito, mas muito fraco, e súbito arriou inteira ao chão, mas ainda conseguiu levantar ambas as mãos até a cabeça. Em uma das mãos ainda continuava segurando o “penhor”. Então

ele bateu duas vezes com toda a força, sempre com as costas do machado e nas têmporas. O sangue jorrou, como de um copo derrubado, e o corpo caiu de costas. Ele recuou, deixou-a cair e no mesmo instante abaixou-se para lhe olhar o rosto; estava morta. Tinha os olhos esbugalhados, como se quisessem saltar, e a testa e todo rosto franzidos e deformados pela convulsão. Ele botou o machado no chão, ao lado da morta, e no mesmo instante atirou-se ao bolso dela, procurando não se sujar do sangue que escoria – àquele mesmo bolso direito de onde ele havia tirado a chave da última vez. Ele estava em plena consciência, já não sentia mais perturbação mental nem vertigem, no entanto as mãos ainda continuavam a tremer” (pg 91, 92)

Raskolnikov mata Alyona Ivanovna, a velha agiota; mata e rouba. Por acidente, acaba matando também a irmã da velha agiota, Lisavieta. E não sente nenhum arrependimento no ato do assassinato. Afinal, para ele não houve crime, ele não matou um ser humano, matou um “princípio”. No entanto, vemos no livro que ele aos poucos vai caindo numa ciranda de culpa e insanidade crescente.

Nietzsche concluirá (ao ler Dostoiévski), sobre a teoria do “homem extraordinário” de Raskólnikov, que o homem sob o domínio da moral se enfraquece tornando-se doentio e culpado. A moral socrática e cristã é a moral dos fracos. Os verdadeiros sentimentos morais estão na Grécia Antiga, do tempo das tragédias e das epopeias, pois, segundo ele, era o tempo dos verdadeiros valores aristocráticos, quando a virtude residia na força e na potência. Essa era a virtude admirada pelos deuses.

Esse é o “homem extraordinário”, o “além do homem” (Übermensch), “super-homem”, que Nietzsche identifica em personagens como Napoleão, Lutero, Goethe. O que podemos dizer é que um líder tem que ter vontade de potência. Raskolnikov, que se presumia um super-homem, se transforma em um brinquedo das situações. E ele vai tomando a consciência de que seu crime não é extraordinário, sua culpa o iguala aos outros homens. Quando Raskolnikov explica para Sônia a causa do seu crime, diz:

“Eu... quis ousar e matei... eu só quis ousar, Sônia, eis toda a causa...” (pg 427) “Eu simplesmente matei; matei para mim, só para mim: agora, quando a eu vir ser benfeitor de alguém ou passar a vida inteira como uma aranha, arrastando todos para a rede e sugando a seiva viva de todos, isso, naquele instante, deve ter sido indiferente para mim!... (pg 427).

Nietzsche nos apresenta algo diferente das conclusões de Dostoiévski. Enquanto o primeiro não se rende a leis morais, muito menos a remorsos, esse homem nietzschiano ratifica a sua própria vontade. Raskolnikov não consegue abandonar a moral.

“Foi a mim que matei, não a velhota! No fim das contas eu matei simultaneamente a mim mesmo, para sempre!... (pg 428).

Vou parar por aqui. Esse livro é essencial para aqueles que gostam de uma literatura policial com um roteiro bem mais complexo. Vocês estão diante de um livro extraordinário.

Para aqueles que querem viajar na insondável alma humana, é um livro perfeito. Tudo isso faz com que este livro mereça um lugar de honra na sua estante.